

Visão do Espaço, Divisão do Mundo: a superação das distâncias e as figurações do poder na Atenas de Ésquilo.

Rafael Faraco Benthienⁱ - PPG-USP

No decorrer do *Agamêmnon* de Ésquilo são feitas algumas alusões a uma espécie de telégrafo antigo. O vigia já a anuncia no prólogo, mas o complexo mecanismo que rege a longa cadeia de sinais luminosos só vem à tona mais tarde, quando Clitemnestra torna pública a queda de Tróia aos anciãos de Argosⁱⁱ. Diante da inusitada notícia, estes passam logo a interrogá-la: teria sido um sonho ou algum outro tipo de presságio a fonte das informações? E se fosse esse o caso, seria possível garantir a sua veracidade? Descartando de pronto tais opções, a rainha surpreende mais uma vez os anciãos ao afirmar que a destruição daquela cidade ocorreu na noite anterior. Ora, questionam eles, que mensageiro cobriria distância tão grande (Tróia – Argos), em tempo tão curto?

Para solucionar tal enigma, Clitemnestra se utiliza de um catálogo toponímico, com o qual esclarece o circuito de transmissão da mensagem previamente combinado entre ela e o marido. A origem da chama é situada no Monte Ida, ao sul de Tróia. Os sinais teriam seguido de lá sucessivamente para a Rocha de Hermes, em Lemnos, para o Monte Atos, na Trácia, e para um local atualmente não identificado, nomeado pelo tragediógrafo como Macisto. A novidade passou então ao Monte Messápio, na Beócia, e, deste local, ao Citéron, próximo a Tebas. Por fim, são mencionados os nomes dos últimos três entrepostos: o Monte das Cabras Errantes, de incerta localização, o Monte Aracneu, na Argólida, e o teto do palácio dos Átridas, em Argos. Além disto, a rainha esclarece como funciona o processo: sentinelas situadas ao longo do percurso estariam encarregadas de retransmitir o sinal tão logo o recebessem (o que justificaria toda a rapidez do processo)ⁱⁱⁱ.

Tão logo chega ao fim uma tal demonstração de saber geográfico e dos pormenores envolvidos no processo, a fala de Clitemnestra termina. Ao que ela parecia

indicar, Tróia havia mesmo tombado diante da expedição liderada por Agamêmnon (algo recebido ainda com um misto de júbilo e dúvida pelo coro, sendo só posteriormente confirmado com as sucessivas chegadas do arauto do exército argivo e do próprio rei^{iv}).

Uma das maneiras mais usuais de se abordar estas passagens tem sido testar a empiria das informações lá contidas. Nesse ínterim, os modernos comentadores não pouparam cálculos das distâncias entre as diferentes localidades, bem como investigações sobre a plausibilidade de se visualizar a mensagem de cada um destes pontos. Caminhando em outra direção, a presente comunicação intenta problematizar quais as (cons)ciência histórica que o sistema do correio luminoso comporta. Quanto a isto, desde Mauss e Durkheim, sabe-se como a representação do mundo social se faz sentir, de maneira mais ou menos precisa, na descrição do mundo físico^v. Para percebê-lo, no entanto, é necessário desnaturalizar as relações entre os signos plasmados na tragédia esquiliana e os objetos/lugares/pessoas aos quais eles se referem. Nada naquela descrição é gratuito, um dado puro e simples da realidade. Antes, escondem-se nela os mais diversos componentes da memória social compartilhada por Ésquilo e seus contemporâneos. A esse respeito, cabe uma questão: o que a superação do espaço como aquela sugerida com o telégrafo do *Agamêmnon* poderia sugerir quanto à relação entre a ordenação deste mesmo espaço e as figurações do poder na Atenas de então?

* * *

Quanto à familiaridade dos gregos com este tipo de expediente, três episódios narrados por Heródoto e Tucídides valem como um estratégico contraponto. Neles, a comunicação via sinais luminosos acaba sendo referida, mas com abrangências e efeitos distintos do seu equivalente esquiliano. O primeiro episódio aqui selecionado diz respeito a um evento ocorrido em 480 a.C., durante a expedição de Xerxes contra a Hélade^{vi}. A narrativa herodotiana conta como os gregos que resistiam à invasão persa optaram por enfrentá-la concomitantemente por terra e mar, na altura do desfiladeiro das Termópilas e

do Cabo Artemísio. A esse respeito, foi conservada a lembrança dos sinais enviados com o uso de tochas a partir de uma guarda avançada de embarcações gregas estacionada na Ilha de Sciatos. Seu propósito era simples: alertar a esquadra helênica ancorada perto dali, no próprio Cabo Artemísio, do avanço marítimo dos persas.

O segundo caso, mais complexo, refere-se ao assalto espartano a Salamina nos princípios do inverno de 429 a.C.^{vii}. Segundo o relato tucididiano, os lacedemônios haviam preparado na ocasião um ataque naval contra o Pireu, um dos portos da Ática. Eles estavam cientes de que os atenienses, excessivamente confiantes em sua supremacia marítima, haviam deixado esta importante posição desprotegida e esperavam tirar proveito do descuido. Uma vez dado início ao ataque, por receio do perigo e tendo de enfrentar fortes ventos contrários, os espartanos acabaram abandonando sua intenção inicial. Eles tomaram então uma pequena fortificação ateniense situada em Salamina, cuja incumbência era vigiar e bloquear o acesso via mar a Mégara.

Em resposta ao ataque, a guarnição lançou um alerta luminoso em direção ao Pireu, advertindo sobre a iminente captura do forte e a devastação dos seus arredores. Mas a mensagem acabou sendo compreendida de outra maneira: os espartanos já dominavam toda Salamina e preparavam-se para rumar ao Pireu. Em seguida, quando o recado foi reenviado do Pireu para Atenas, houve uma confusão ainda maior: seus habitantes interpretaram o sinal como uma prova da ocupação do porto e acreditaram que eles sim estavam na iminência de sofrer um ataque. Somente no outro dia se descobriu a verdade, qual seja, que os espartanos ocupavam apenas parte de Salamina. Tão logo se confirmou a notícia, o contra-ataque foi organizado. Assim, ao enfatizar o pavor provocado por um assalto fantasioso, todavia factível, o historiador apresenta uma moral para o ocorrido: os atenienses não mais deixariam o Pireu sem defesas.

O terceiro e último episódio diz respeito aos desdobramentos do cerco de Platéia por parte dos lacedemônios^{viii}. Em 428 a.C., carecendo de víveres e sem a possibilidade

de receber ajuda por parte de Atenas, um número considerável de plateus, com a ajuda dos atenienses lá sitiados, resolveu empreender uma ousada fuga. Eles esperaram uma noite tempestuosa e sem lua para tentar, na escuridão total, escapar do fosso e dos guardas sem serem notados. Ainda assim, um pequeno incidente envolvendo o deslocamento de uma telha provocou o alarido necessário para fazer soar o alarme. Os espartanos mantiveram posição e enviaram sinais luminosos rumo a Tebas, esperando com isso receber reforços. A confusão se instaurou, porém, quando os plateus acenderam imediatamente tochas em suas muralhas, o que foi feito, segundo Tucídides, com a intenção de confundir os tebanos e retardar a chegada da ajuda prometida ao local.

Ora, chama a atenção, em todos os episódios acima referidos, o uso generalizado (militar) do sistema de mensagens luminosas entre os gregos no século V a.C. – plateus, eginetas, atenienses, espartanos e tebanos o utilizam segundo Heródoto e Tucídides –, bem como a precariedade deste aparato de comunicação, o qual, sobretudo na narrativa tucidiana, mais confunde do que assegura decisões acertadas. É como se, a despeito dos canais de transmissão envolverem distâncias curtas entre os focos de emissão e recepção, persistisse um desentendimento geral quanto ao teor das mensagens.

* * *

Mas não são apenas os gregos os únicos a representar no envio de sinais luminosos um meio de vencer o tempo e o espaço. Em instigante passagem, Heródoto localiza semelhante prática também entre os persas^{ix}. Narra ele que, após a retirada de Xerxes após a derrota naval de Salamina, em 480 a.C., um dos comandantes da expedição persa, Mardônios, permaneceu na Hélade com um significativo contingente de tropas terrestres. Sua missão consistia em subjugar os que resistiam à dominação de Xerxes. Heródoto optou por memorizar tanto a decisão de Mardônios sobre a invasão da Ática, quanto o procedimento com o qual ele comunicaria o sucesso de sua empreitada ao rei: uma sucessão de fogueiras acesas nas ilhas do Egeu, ligando Atenas a Sardes.

Ora, o discurso herodotiano apresenta aí um mecanismo tão complexo e eficaz como aquele descrito no *Agamêmnon*. Nos dois casos está em jogo a comunicação da ocupação/destruição de uma cidade (Tróia ou Atenas). Além disto, ambos envolvem a superação de grandes distâncias, a qual só se faz possível mediante a dominação dos vários locais por onde passa a rede de transmissão da mensagem e o esforço conjunto de inúmeros servidores fiéis espalhados por todo o trajeto.

De fato, tal estrutura aparece apenas uma vez na narrativa herodotiana, mas procedimentos análogos, relativos ao mesmo período, merecem ser enumerados. Ao relatar o primeiro despacho da mensagem notificando a derrota da expedição persa em Salamina, Heródoto se põe a explicar outra modalidade de correio persa, intitulada *angareion*^x. Em sua opinião, nenhum mortal chega mais depressa aonde quer ir do que os mensageiros nele envolvidos. Trata-se, em linhas gerais, de uma cadeia de cavalos e homens distribuídos ao longo da estrada que cruza o Império Persa. A distância entre eles fora calculada com o intuito de permitir a cada cavaleiro realizar seu percurso com a máxima velocidade. Ao primeiro mensageiro cabe repassar ao segundo a mensagem cuja entrega lhe foi confiada, que o faz a um terceiro e assim por diante, até o destino final.

Mais uma vez um portentoso mecanismo de comunicação surge associado aos persas. Heródoto até assinalou a proximidade de princípios entre as corridas realizadas pelos gregos em honra a Hêfaistos com o *angareion*, mas a semelhança entre eles não vai muito além deste ponto. E isso se dá por dois motivos: 1) implica a superação da distância de territórios muito mais extensos do que aqueles controlados por quaisquer *poleis*; e 2) aqui o conteúdo da mensagem não chega deturpado ao seu destino. Mas o que isto poderia significar para além das representações (de práticas) já analisadas?

* * *

A partir dos exemplos previamente analisados, é possível perceber aqui duas diferentes memorizações de controle do espaço. A idéia subjacente aos sistemas de

correio persa, por um lado, parece ser a de que a organização da sua sociedade (e da comunicação nesta sociedade) supõe como seu fundamento determinante a figura do poder real. É como se um indivíduo como Xerxes, meio humano, meio divino, fizesse do espaço o lugar de manifestação de seus poderes. E é o próprio rei persa quem, nas palavras a ele atribuídas por Heródoto, externa tal opinião: seu poder, tal qual o de Zeus, deve tornar o mundo uno, alcançando a terra como os raios do sol^{xi}.

Semelhante poder desconsidera quaisquer impedimentos de ordem natural (cordilheiras, rios, desertos), requerendo mesmo a superação destes obstáculos para manter unificado o espaço (e o próprio poder). O *angareion* e o telégrafo planejado por Mardônios caminham nesta direção. Além disto, é preciso reforçar, a eficácia de um tal sistema supõe a mobilização de inúmeros agentes, subalternos, por intermédio dos quais o poder se manifesta empiricamente. A estes figurantes está reservado o quinhão do serviçal de uma casa aristocrática. Eles são uma extensão do corpo e da vontade do rei.

Concorrendo com esta visão de mundo que os contemporâneos de Ésquilo identificam entre os persa, testemunhos do mesmo período apresentam uma memória espacial propriamente helênica. A idéia que perpassa as comunicações via sinais luminosos nestes povos aponta para uma atuação em âmbito local, a qual requer, para seu funcionamento, cidadãos livres da região ou das demais localidades próximas.

Tal prática também (con)firma uma outra divisão do mundo, segundo a qual Ásia e Europa aparecem fazendo as vezes de pólos opostos: este continente como o centro da vida civilizada e livre; aquele como sendo a sede de um poder bárbaro de dominação despótica^{xii}. Nesse ínterim, os obstáculos/acidentes naturais não devem ser superados pelos gregos, mas respeitados enquanto definidores de limites sagrados^{xiii}. Eles tenderiam a agir piedosamente quanto a isto, procurando manter as fronteiras intactas e seguras (na guerra e nas comunicações). Sua atuação garantiria assim a autonomia dos cidadãos de

territórios relativamente pequenos. Os reis persas, ao contrário, pecam com freqüentes transgressões, violações dos espaços naturais da própria Ásia e de outros continentes^{xiv}.

* * *

Ainda assim, as formas de representação do espaço sugeridas por estas diferentes modalidades de comunicação não se esgotam na atribuição de essências opostas a gregos e persas, como sugerem alguns comentadores^{xv}. O acento da análise não deve só recair no fato de os gregos e os persas serem quem são, mas sim na memorização das formas de governo ligadas a cada uma destas comunidades.

O debate persa acerca da forma de governo a ser adotada após o descoberta e morte dos usurpadores do trono de Cambises fornece indícios nesta direção^{xvi}. Otanes, o primeiro a falar, sugere a democracia como meio de controlar os desvios inerentes à monarquia. Segundo ele, o rei ou tirano, mesmo na eventualidade de ser o melhor dos homens, acaba tomado por um desejo egoisticamente interessado, gerando insolência e inveja. Já a democracia controlaria tais impulsos submetendo todos, os melhores e os piores, à lei. Na direção oposta, Dario defende a monarquia enfatizando: a) o fato de ser ela uma herança ancestral; e b) a impossibilidade de a democracia deixar de realizar uma incompetência generalizada, a qual clama como solução o advento da própria monarquia. Nesse caso, é recomendável que o melhor dentre os homens seja escolhido como rei, pois então ele agirá, segundo sua vontade, para o bem de todo o povo.

Assim, a figura do monarca explica muito do funcionamento do telégrafo esquiliano. Em sendo aquele a realização extremada do indivíduo, suas decisões não precisam (re)conhecer freios e/ou limites. Próximo à divindade, ele faz o que quer, mesmo que para isso sua vontade tenha de superar as barreiras naturais do mundo e os outros projetos de memorização do espaço. Daí seu caráter *híbrido*, gerador de desequilíbrios. Se a representação dos persas permitia aos contemporâneos de Ésquilo visualizar isto, a mesma questão poderia vir à tona com a reflexão sobre sua própria memória histórica,

repleta de novos e antigos projetos de superação do espaço: o ataque liderado pelos Átridas a Tróia; as conquistas militares dos tiranos dos séculos IV e V a.C.; a “tirania” da democracia ateniense na Liga de Delos.

ⁱ **Mestrando em História Social – USP – Bolsista FAPESP.**

ⁱⁱ ÉSQUILO, *Agamêmnon*, vv. 8-11; 264-316.

ⁱⁱⁱ Discussões sobre o correio esquiliano, com alusões à localização de cada um destes pontos, possíveis interpolações e o cálculo aproximado das distâncias podem ser encontradas em FRAENKEL, E. **Aeschylus: Agamemnon**. Oxford : Oxford University Press, 1950, 2^o vol., pp. 153-169; DENNISTON, J. D.; PAGE, D. **Aeschylus: Agamemnon**. Oxford : Oxford University Press, 1957, pp. 94-8; e QUINCEY, J. H. The Beacon-Sites in the *Agamemnon*. **Journal of Hellenic Studies**, 83, 1963, pp. 118-132.

^{iv} ÉSQUILO, *Agamêmnon*, vv. 489-680.

^v MAUSS, Marcel; DURKHEIM, Émile. De quelques formes primitives de classification. In: MAUSS, Marcel. **Oeuvre**. Paris : Minuit, 1974, 2^o vol., pp. 13-89. Para uma abordagem mais recentes das mesmas questões, cf. BOURDIEU, Pierre. O Conhecimento pelo Corpo. In: _____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001, pp. 157-198.

^{vi} HERÓDOTO, *História*, VII, 179-183. Eventos similares são mencionados em TUCÍDIDES, *História da guerra do Peloponeso*, III, 80; VIII, 100-2.

^{vii} TUCÍDIDES, op. cit., II, 93-94.

^{viii} Ibid., III, 20-23. Para mais detalhes, veja-se os comentários dos parágrafos mencionados em GOMME, A. W. **A Historical Commentary on Thucydides**. Oxford : Oxford University Press, 1956; e a análise filológica desenvolvida em HARRISON, E. L. The Escape from Plataea (Thucydides 3.23). **The Classical Quarterly**, 9, 1, 1959, pp. 30-33.

^{ix} HERÓDOTO, *História*, IX, 1-3.

^x Ibid., VIII, 98. O mesmo sistema aparece descrito como invenção de Ciro em XENOFONTE, *Ciropeia*, VIII, 6-17. A relação entre o correio luminoso de Ésquilo e o serviço de mensagens persa foi explorada em termos filológicos por Fraenkel (como se os termos utilizados por Heródoto nestas circunstâncias auxiliassem o entendimento do texto esquiliano). Cf. FRAENKEL, E. **Aeschylus: Agamemnon**. op. cit. pp. 153-4.

^{xi} Cf. HERÓDOTO, *História*, VII, 8-9.

^{xii} Veja-se a percepção desta divisão na fala de um dos personagens esquilianos, a rainha Atossa, mãe de Xerxes, em ÉSQUILO, *Os Persas*, vv. 176-214.

^{xiii} Hartog comentou similar percepção do espaço vigente em meados do século V a.C. na primeira parte de seu trabalho HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**. Belo Horizonte : UFMG, 1999.

^{xiv} Heródoto confirma essa tendência ao narrar os conflitos protagonizados pelos persas: Croisos atravessa o Rio Hális para enfrentar Ciro; Ciro desvia um rio para invadir a Babilônia; Ciro constrói uma ponte de barcos sobre o Rio Aráxos para fazer seus soldados adentrarem no território dos Massagetas; Cambises atravessa o deserto com seu exército para enfrentar os egípcios; Dario, para chegar a Europa e combater os citas pessoalmente, também teve de unir as margens do Bósforo e construir uma ponte de barcos sobre o Rio Istros; e Xerxes fez o mesmo contra os gregos. Veja-se respectivamente HERÓDOTO, *História*, I, 72; I, 189-191; I, 205; III, 1-5; IV, 83-92; VII, 10 e todo o livro VIII. Cf. igualmente a acusação de impiedade proferida contra Xerxes por um fantasma de Dario em ÉSQUILO, *Os Persas*, vv. 719-726.

^{xv} Cf. TRACY, S. Darkness from Light: the beacon fire in the *Agamemnon*. **The Classical Quarterly**, 36, 1, 1986, 257-60; bem como LONGO, Oddone. **Tecniche della comunicazione nella Grecia Antica**. Napoli : Liguori Editore, 1998 (sobretudo os capítulos 6 e 7, pp. 87-112).

^{xvi} HERÓDOTO, *História*, III, 80-82. Valho-me também do texto inédito de Francisco Murari Pires, “Mito e História: Uma leitura do debate persa”.